



Foto: Divulgação

# Novos rumos após REINADO DO ALGODÃO

Fazendeiros sulistas norte-americanos derrotados na Guerra de Secessão vieram para o Brasil plantar algodão e ajudaram a fundar a cidade de Americana, a "Princesa Tecelã do Brasil"

**R**econhecida no passado por ser a "Princesa Tecelã" do País, a cidade de Americana (SP), antes identificada apenas pelo forte mercado têxtil, tem se destacado também em atividades complementares a indústria automobilística, construção e serviços.

As oportunidades econômicas da pequena cidade, a 129 quilômetros da capital paulista, não são os únicos atrativos para empresas e moradores. Americana é dona da melhor pontuação no Índice de Bem-Estar Urbano (Ibeu) do País, medido pelo Observatório das Metrôpoles. O reconhecimento é fruto de bons indicadores em termos de condições ambientais, urbanas, habitacionais e atendimento a serviços coletivos.

Com população estimada em quase 227 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade está entre os 20 municípios brasileiros com melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 2013, medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), ocupando a 19ª posição na listagem.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Americana está entre os cem maiores do País, chegando aos R\$ 7,13 bilhões, segundo dados do IBGE de 2012, no 98º lugar. A cidade abriga 25,9 mil empresas, das quais quase 90% são micros e pequenas, conforme mostram os dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).



Fotos: Divulgação

## Com população estimada em quase 227 mil habitantes, segundo o IBGE, a cidade está entre os 20 municípios brasileiros com melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)

### Algodão e imigrantes

Americana é uma cidade jovem. Fundada em 1875, nasceu com apoio de imigrantes norte-americano confederados, que, após a derrota na Guerra de Secessão, finalizada há 150 anos, vieram para o Brasil. A confederação era formada por Estados do Sul, agrários e escravagistas – Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Louisiana, Mississipi, Texas, Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e Tennessee.

Após a derrota na Guerra Civil dos Estados Unidos, muitos fazendeiros sulistas perderam suas terras e emigraram para o Brasil, como alternativa para continuar os negócios. No interior de São Paulo, a cidade de Santa Bárbara D'Oeste recebeu parte desses imigrantes, que investiu no cultivo de algodão. Americana, até então vista como uma vila da cidade, cresceu e abrigou, também, plantações de café, tornando-se, com os anos, um novo município paulistano.

Os americanos não foram os únicos estrangeiros a ocupar a cidade. A influência imigratória também está presente na recepção de portugueses, italianos, alemães e árabes.

Essa ocupação baseada no cultivo de algodão foi responsável por ditar a

identidade de Americana até metade dos anos 1990, período em que a cidade passou a enfrentar dificuldades diante da concorrência chinesa no mercado têxtil. Antes disso, a cidade era conhecida como a “Princesa Tecelã”. “Americana ainda é forte no mercado têxtil. A cidade passou por transformações porque, antes, tinha muito mais a produção de tecidos. Hoje, envolve-se mais com confecção e produto acabado, o que agrega mais valor ao item”, comenta o secretário de planejamento do município, Cláudio Amarante.

### Além do têxtil

A desaceleração no mercado ligado ao algodão, no entanto, não fez a economia da cidade parar. Pelo contrário, abriu espaço para a diversificação de atividades em Americana. “A cidade



está mudando o perfil industrial, com empresas que dão suporte, principalmente, ao setor automobilístico. Além disso, existe uma infraestrutura instalada de prédios utilizados, anteriormente, para a atividade têxtil e que, agora, podem servir para o setor de serviços”, indica Amarante. “São balcões e salões vazios, com preços acessíveis para locação e venda. Agregado a isso, há a disponibilidade de mão de obra qualificada”, completa o secretário.

Com a queda da economia ligada ao algodão, os locais antes ocupados por essas empresas ficaram disponíveis, o que, para a cidade, deveria ser melhor aproveitado pelas companhias de serviços. “Pretendemos ocupar os espaços que a indústria têxtil deixou para atividades mais lucrativas e

de maior valor agregado. Uma fábrica que produz carros, por exemplo, emprega pouco em relação aos metros quadrados ocupados. Já uma empresa de call center emprega centenas em pouco espaço, sendo mais interessante para o mercado de trabalho”, indica Amarante.

As empresas que têm aproveitado as oportunidades de Americana são, por exemplo, consultorias de negócios, tecnologia da informação e marketing, segundo indica o diretor-coordenador do departamento das companhias prestadoras de serviços da Associação Comercial e Industrial de Americana, Marcelo Fernandes. “Essas organizações empresariais têm como clientes não só os estabelecimentos da nossa própria cidade, como também de toda a região metropolitana de

Campinas. A localização de Americana é privilegiada e a mão de obra muito qualificada nessas áreas”, comenta.

A pequena corporação da área de sistema de informação, Microgestão Sistemas, fundada em 1989, soube olhar para as oportunidades da cidade, como indica um dos sócios, Fábio Ribas. “Temos muita demanda local. Atendemos seis Estados, mas 70% dos nossos clientes são de Americana. É um polo industrial bem atrativo e, em razão da identidade têxtil, especializamo-nos no atendimento a este setor”, afirma.

A companhia, no entanto, buscou a diversificação na cartela de clientes para não depender apenas do mercado ligado à cadeia do algodão. “Atendemos a indústrias de alimentos, empresas do ramo de construção, metalúrgicas,

## Números de Americana

**226.970**

Habitantes, segundo estimativa de 2014 do IBGE

**133,6 km**

Extensão territorial da cidade

**R\$ 7,13 bilhões**

Produto Interno Bruto (PIB) de 2012, de acordo com o IBGE

**R\$ 641,1 milhões**

Receita do Município em 2014, segundo a Secretaria de Fazenda

**3,70%**

Taxa de analfabetismo do município, segundo Censo de 2010

**0,911**

Melhor pontuação no ranking do Índice de Bem-Estar Urbano do País, medido pelo Observatório das Metrôpoles

comércio e, também, prestadores de serviços. O mercado de Americana é muito próspero e, além disso, a região metropolitana de Campinas é uma das locomotivas do Estado, produzindo muita demanda de serviços”, acredita o empresário.

Os números da empresa comprovam o bom momento para o setor. O pequeno negócio atende, hoje, 150 clientes. A expectativa é bater os 200 até o fim de 2016. A meta de crescimento para 2015 era de 20%. No entanto, com meses antes de encerrar o ano, o objetivo foi alcançado e, agora, a Microgestão Sistemas estima um crescimento em torno de 30% nos negócios. “Está melhor que a encomenda”, brinca Ribas. Concorrência não falta, indica o empresário. Porém, ele aponta que há espaço para todos, desde que saibam aproveitar a diversidade do mercado.

Enquanto o setor de serviços caminha a passos largos em Americana, o comércio segue conforme a entoadada do mercado nacional: em ritmo lento. “O varejo de Americana não está bom. Está um pouco em retração, conforme o restante do País. Contudo, apesar de o nosso centro comercial ser muito pequeno, ele é bastante agitado. E há um dinamismo no nosso comércio, apesar de estar freado”, avalia o vice-presidente do Sindicato dos Lojistas e do Comércio Varejista (Sincomercio) de Americana e Região, Ozanini Mário Rosineli.

### Empreendedorismo no DNA

O ato de empreender faz parte da realidade de Americana. De 2013 para 2014, o número de novas empresas abertas na cidade aumentou 12,5%. Entre os micros e pequenos negócios,

a ampliação foi de 12,6%. De 2014 até julho deste ano, a abertura de empreendimentos já registra crescimento próximo a 6,5%, enquanto entre as MPes, a expansão é de 5,9%. Os dados são do Empresômetro, da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Ao realizar um raio X desses dados, nota-se que a atividade econômica de predominância entre as micros e pequenas estão ligadas ao comércio, principalmente as de reparação de veículos

**De 2013 para 2014, o número de novas empresas abertas na cidade aumentou 12,5%. Entre os micros e pequenos negócios, a ampliação foi de 12,6%**

automotores e motocicletas. Empresas da indústria de transformação aparecem em seguida, com alojamento e alimentação no terceiro lugar da escala. Negócios referentes a atividades administrativas, serviços complementares e construção também aparecem com destaque entre as MPes da cidade.

O movimento empreendedor da cidade chamou a atenção, inclusive, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (Sebrae-SP), que abriu, recentemente, um posto de atendimento no município, com apoio de diversas entidades, até mesmo do Sincomercio, como explica o gerente do Escritório Regional do Sebrae-SP em Piracicaba, Antonio Carlos Ribeiro. “Era uma demanda antiga na cidade, que queria se organizar e ter um posto de

atendimento local. Americana é uma cidade extremamente próspera, com um povo muito empreendedor. A cultura da cidade é do empreendedorismo, tanto que a maioria das atividades que promovemos fica sem vagas rapidamente. Temos analisado o mercado de Americana como promissor e dinâmico.”

Ribeiro indica que, apesar da pressão em algumas cadeias produtivas, como a sentida no mercado têxtil do município, a economia local tem se mostrado versátil. “Americana não é só têxtil e confecção. É uma cidade com posição geográfica extremamente vantajosa em termos de logística, além de ter um parque industrial diversificado e com um povo bastante inovador, suscitado por várias oportunidades de negócio”, comenta o representante do Sebrae-SP. &



Fotos: Divulgação